

# Ambulantes transformam Brasília em zona franca

22 JUL 1990

ESTADO DE SÃO PAULO

Nas barracas pode-se comprar brinquedos, cremes e dezenas de objetos contrabandeados

MARLENE GALEAZZI

BRASÍLIA — As calçadas do setor comercial sul de Brasília, local mais movimentado do centro da capital federal, foram transformadas em verdadeira zona franca. Todos os dias, centenas de ambulantes instalam no local barracas para vender brinquedos, aparelhos de rádio e televisão, cremes, relógios, telefones e outra dezena de objetos fabricados em várias partes do mundo, contrabandeados do Paraguai e da Argentina.

Esse tipo de comércio tem aumentado demasiadamente nos últimos meses e já despertou a ira das autoridades, que estudam uma forma de contê-lo. Os donos de estabelecimentos comerciais também não estão nem um pouco contentes com a concorrência. Só no mês de junho, o número de bancas passou de 200 para 400. "A aceitação tem sido tão boa que vendo em média cinco televisões por dia", afirma a vendedora ambulante Maria José de Brito.

Paraibana, com 38 anos, Maria José é viúva, mãe de cinco filhos, e está desempregada desde o início do ano. Segundo ela, essa foi a única saída que encontrou para sustentar a família. Situação idêntica é a do paraense Paulo Pereira da Silva, electricista, sem emprego desde abril. "Para não ver minha família morrer de fome, virei muambeiro", afirma ele. Ambos trabalham numa das calçadas do setor comercial sul, em um local já conhecido como "Rua Paraguai" e garantem obter renda mensal acima de Cr\$ 100 mil. De 15 em 15 dias, em companhia de outros camelôs,



Wilson Pedrosa/AE

Calçada do setor comercial sul: ambulantes conseguem renda mensal de Cr\$ 100 mil

eles atravessam a fronteira para buscar novas mercadorias.

Com o crescimento desse comércio ilegal, a preocupação do governo do Distrito Federal, responsável pela autorização aos vendedores ambulantes, duplicou. "Desalojamos os camelôs das imediações da Rodoviária e agora cuidaremos dos contrabandistas", diz o administrador do Plano Piloto, Paulo Fonseca. Como a fiscalização de contrabando é restrita à Polícia Federal e à Receita Federal, o administrador garante que está estudando uma forma de atuar junto com os dois órgãos.

Para o comerciante Josué Teixeira, de 35 anos, a venda de material contrabandeado em local público "é simplesmente vergonhosa para as autoridades e uma afronta para quem paga os impostos e anda na lei". Ele diz ser um dos "inúmeros comerciantes prejudicados pela venda de muambas, que começam a ganhar a preferência dos compradores".

Satisfeitos com o volume diário de vendas, os camelôs que trabalham com se dizem contrabandeados sm acordo dispostos a entrar num "A gente com as autoridades. imposto e concorda em pagar inl pré-de-a se instalar num local

terminado", diz Anísio Xavier, ex-funcionário federal recentemente demitido e especialista na venda de cremes de beleza argentinos.

Os brasilienses, por sua vez, se dividem quanto à questão. Dílson Ramos garante que, com os produtos contrabandeados, a cidade ficou "com mais opções de compras". Para ele, "pouco interessa se o produto é contrabandeado, desde que satisfaça no preço e na qualidade". A estudante Terezinha Mota, de 18 anos, discorda: "A situação é o retrato do desmando das autoridades que moram na Capital".